

## EDUCAÇÃO INDÍGENA E NÃO INDÍGENA: UMA COMPARAÇÃO DA METÁFORA DA ÁRVORE COM A ANALOGIA TREMEMBÉ

Daniel Valério Martins<sup>1</sup>

Magna Mizurini<sup>2</sup>

Ruan Rocha Mesquita<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda o uso pedagógico das metáforas trazendo como exemplo a Metáfora da Árvore, quando compara as partes de uma árvore com a prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem no Estágio Supervisionado ao mesmo tempo que associa à cosmovisão indígena Tremembé de Almofala – CE quando trata de sua transmissão por Endoculturação dos conhecimentos, tradições e cultura entre os membros da comunidade com o uso de uma analogia também sobre as partes de uma árvore. Trata-se de um texto que utiliza uma metodologia de perspectiva qualitativa, desde um viés antropológico da comparação na observação de indícios com o uso do Paradigma Indiciário. Como referencial teórico associaremos os pensamentos de pesquisadores da Educação como LIMA (2009); PIMENTA e LIMA (2004); NÓVOA (1992, 2023) com intelectuais indígenas como Daniel Munduruku (2023) e Cacique Venâncio (2019). Para a base metodológica seguiremos os conceitos de AGUIRRE (2007); GINZBURG (1989) e MINAYO (2014). Objetiva-se como este escrito uma reflexão acerca da relação antrópica explicada por meio de metáforas e conclui-se que existe uma relação intrínseca entre as formas indígenas e não indígenas em processos de aprendizagens não reconhecida por preconceitos,

<sup>1</sup> Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGENEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano. E-mail para contato: [jifadelino@hotmail.com](mailto:jifadelino@hotmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

<sup>2</sup> Especialista em Applied Behavior Analysis - ABA pelo Child Behavior Institute of Miami, Flórida, EUA – Especialista em docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia de Palmas, GO – Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela FAVENI, ES – Especialista em Neuropedagogia e saúde mental pela Faculdade de Tecnologia de Palmas, GO – Especialista em Administração e Supervisão Escolar pela Universidade Iguazu, RJ – Licenciada em Pedagogia pela Universidade Iguazu, RJ – Coordenadora Pedagógica da Educação Inclusiva na Secretaria Municipal Educação de Caldas Novas, GO – Pedagoga Hospitalar, coordenando o Projeto Hoje de Atendimento Domiciliar – Professora no Curso de Formação permanente para Profissionais de Apoio da Secretaria Municipal Educação de Caldas Novas, GO – Palestrante na área da inclusão – Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGENEB do Instituto Federal Goiano –. E-mail para contato: [prof\\_magnamizurini@yahoo.com.br](mailto:prof_magnamizurini@yahoo.com.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5028944184495324>

<sup>3</sup> Graduando em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Membro do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IF Goiano; Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e Organizador das três edições do CIELCULTT – Congresso Internacional sobre Educação, Língua, Cultura e Territórios, desenvolvidos durante o mês de abril dos anos de 2021, 2022 e 2023 na Universidade Federal da Grande Dourados e Instituto Federal Goiano. E-mail para contato: [rocharuan@live.com](mailto:rocharuan@live.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>.

estigmas e medos de mudar o estabelecido em uma sociedade patriarcal,

eurocêntrica e colonial.

**Palavras-chave:** Metáfora da Árvore. Processos Pedagógicos. Educação indígena e Educação não-indígena.

## INDIGENOUS AND NON-INDIGENE EDUCATION: A COMPARISON OF THE TREE METAPHOR WITH THE TREMEMBÉ ANALOGY

**Abstract:** This article discusses the pedagogical use of metaphors, bringing as an example the Metaphor of the Tree when it compares the parts of a tree with the pedagogical practice in the teaching-learning process in the Supervised Internship, at the same time that it associates the Tremembé indigenous cosmovision of Almofala - CE which deals with its transmission by Endoculturation of knowledge, traditions and culture among community members with the use of an analogy also about the parts of a tree. It is a text that uses a qualitative perspective methodology from an anthropological bias of comparison in the observation of evidence with the use of the Evidence Paradigm. As a theoretical reference we will associate the thoughts of education researchers such as LIMA (2009); PIMENTA and LIMA (2004); NÓVOA (1992, 2023) with indigenous intellectuals such as Daniel Munduruku (2023) and Cacique Venâncio (2019). For the methodological basis we will follow the concepts of AGUIRRE (2007); GINZBURG (1989) and MINAYO (2014). The objective of this writing is a reflection on the anthropic relationship explained through metaphors and it is concluded that there is an intrinsic relationship between indigenous and non indigenous forms in learning processes not recognized by prejudices, stigmas and fears of changing what is established in a patriarchal, eurocentric and colonial society.

**Keywords:** Metaphor of the Tree. Pedagogical Processes. Indigenous Education and Non-Indigenous Education.

### INTRODUÇÃO

É inquestionável a busca por mudança de postura do homem em relação à natureza. Esse escrito não tem a pretensão de mostrar outra realidade quanto a essa questão, mas sim tentar abordar a relação antrópica desde o viés pedagógico estabelecendo um vínculo entre a educação não-indígena e a educação indígena. Para tanto recorreremos à Metáfora da Árvore elaborada e trabalhada por paladinas da educação como Maria Socorro Lucena Lima (2009) e Selma Garrido Pimenta (2004), bem como a associação com a analogia realizada por indígenas Tremembé entre a árvore e o papel dos membros de sua sociedade.

Essa relação estabelecida por meio de metáforas ou analogias associando práticas pedagógicas, relações sociais e natureza, desvelam o verdadeiro papel da

Educação, indígena ou não indígena, que é a busca por melhores condutas do homem com o meio em que vive, seja em suas convivências sociais, condutas morais ou práticas culturais, mas mostram principalmente a preocupação com o meio ambiente e as relações antrópicas que podem ser oriundas de tais condutas pedagógicas, ocorrendo por Enculturação ou Endoculturação.

Essa busca apresentada nas mudanças de tendências pedagógicas ao longo da história se assemelha a eterna busca pelo “Bem-viver” das comunidades tradicionais, pois enquanto a primeira estabelece que os indivíduos podem se realizar pessoal, profissional e socialmente por meio da educação escolar como ferramenta transformadora da sociedade, a segunda mostra que essa mudança e transformação pode ocorrer na conscientização humana ao perceber que homem e natureza fazem parte de um todo mais amplo, imbricados em uma simbiose indissociável, ou seja, não se pode pensar no homem apartado de seu contexto biopsíquico, político, sociocultural e natural.

O homem em sua complexidade tem seu caráter também natural e o papel da educação, indígena ou não, é estar sempre o recordando desses papéis em todos os seus contextos, inclusive na relação e postura frente a natureza. Nas sociedades originárias os mais velhos, anciãos, sábios, pajés ou xamãs e caciques entre outras lideranças são responsáveis por essa missão diária na transmissão dos seus conhecimentos como espécie de um processo pedagógico por meio da Endoculturação, isso não tornam os indígenas inferiores ou menos dotados de conhecimentos, se afirmam enquanto diferentes em todos os seus processos socioculturais.

Na sociedade não indígena esse papel referente aos sábios indígenas está atribuído à figura do professor como transmissor, mediador ou facilitador dos processos de aprendizagens, que busca uma conscientização humana quanto aos

recursos naturais que podem se tornar escassos ou até mesmo desaparecer. Para tanto torna-se evidente que a formação do profissional da educação tem que estar “acorde com um soar harmônico” na construção de sujeitos ativos e críticos na sociedade, atualizada quanto aos fenômenos e movimentos sociais, bem como continuada para a construção de identidades enquanto professores desde sua formação de base, Estágio Supervisionado e a Prática Pedagógica como tal.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para construção deste artigo parte de uma ideia mista, onde aborda um enfoque qualitativo, desde as perspectivas *Emic* e *Etic* do método Antropológico comparativo. Nesse aspecto seguimos a ideia de Aguirre (2017), quando centra sua perspectiva qualitativa em quatro frentes: palavras frente aos números, situação e contexto, descobrimento frente à prova e Conhecimento Tácito. O autor supracitado explica que na pesquisa qualitativa através da observação participante se percebe a interação humana, não como separada e sim na sua trama contextualizada, uma vez que parte desse texto aborda reflexões sobre trabalhos de campo realizados em outras pesquisas.

Ainda sobre o caráter qualitativo da nossa pesquisa, também nos apoiamos em Minayo (2014) quando nos diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfocando um nível de realidade não capaz de ser quantificado quando se trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, valores, crenças e práticas. Segundo palavras da autora, qualquer pesquisa social deve contemplar os aspectos qualitativos, uma vez que lida com pessoas, seus valores, suas histórias e experiências. Em nosso caso, todos esses elementos foram expressos de maneira escrita, no conteúdo de produção indígena e nas transcrições de suas oralidades.

Também partimos da busca de indícios de semelhanças entre teorias indígenas e não indígenas. Para tanto nada mais acertado que a utilização do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989).

**USO DE ALEGORIAS, FÁBULAS, METÁFORAS E ANALOGIAS** Desde a antiguidade clássica se tem registros de uso de elementos como

alegorias e fábulas no processo de ensino. Podemos aqui trazer o exemplo da Alegoria da Caverna de Platão (1997) ou até mesmo as fábulas de Esopo (2013), onde a função é gerar um conhecimento, aprendizado, lição ou até mesmo conscientização através da “moral da história”. A utilização de contos com roupagens infantis também tem esse processo na dinâmica ou metodologia de Contação de Estórias, entre esses podemos destacar *O Pequeno príncipe* de Antoine de Saint

Exupéry (2005); *Por quatro cantinhos de nada* de Jérôme Ruillier (2014), autores estrangeiros que fazem sucesso no Brasil e no mundo, como também de brasileiros como *Conto de Escola* de Machado de Assis (2020) e *Estórias para quem gosta de ensinar* de Rubem Alves (1994), esse último uma antologia de estórias, entre elas 5 denominadas *O país dos dedos Gordos*.

No que se refere às metáforas, trazemos aqui António Nóvoa (2023), um escritor que faz o uso pedagógico das metáforas. Em entrevista para a Fundação Telefônica Vivo sobre o seu texto *Através da metáfora do celular e do quadro negro* publicado antes mesmo da pandemia da COVID-19, explica que:

A escola serve para educar humanos por humanos para o bem da humanidade. A educação é sempre uma relação humana. As máquinas não educam. Não é possível nos educarmos sozinhos, em frente a uma máquina. Precisamos dos outros, mestres e colegas, para a nossa própria educação. A escola é uma das poucas instituições que nos restam para a construção de uma vida em comum, de uma sociedade de convívio, em paz com a Terra e em paz com os outros. Para o bem da humanidade. Não há saber sem sentimento. Não há conhecimento sem emoção. O digital pode ser um instrumento poderoso para reforçar o caminho da cooperação, do trabalho mútuo, conjunto, de uma escola da inclusão, da participação e da democracia. Mas tudo depende dos humanos (NÓVOA, 2023).

Os povos originários também fazem suas analogias entre eles Daniel Munduruku (2023) quando em curtas palavras explica que “Na minha visão de mundo ideal, a escola teria que ser um grande quintal” (MUNDURUKU, 2023).

Esta entrevista do Professor Antônio Nóvoa (2023) e a fala de Daniel Munduruku (2023) nos embasam para observar que essa relação intrínseca entre os processos pedagógicos e a educação não indígena e indígena é apreciada de maneira superficial, desestimada por preconceitos, desrespeito e quiçá medos de reconhecer a sabedoria de povos originários e entender que nesta sabedoria existe uma luta bem mais remota sobre a educação do que se supõe na nossa historicidade contada com base em seu caráter etnocêntrico, eurocêntrico, patriarcal e colonial. É preciso refletir e compreender os dois campos como campos de aprendizagens e conhecimentos, seja a escola ou a aldeia.

Na fala de Antônio Nóvoa (2023), bem como nos pensamentos dos povos originários, tanto as escolas como a vida em comunidades indígenas buscam a “construção de uma vida em comum, de uma sociedade de convívio, em paz com a Terra e em paz com os outros” (NÓVOA, 2023). Com esses argumentos, passamos à Metáfora da Árvore de Lima (2009) seguida da analogia Tremembé sobre seu povo e comunidade, observado em Valério (2019).

## **A METÁFORA DA ÁRVORE**

Lima (2009) nos ajuda a compreender o Estágio ou Prática Pedagógica com a Metáfora da Árvore. Segundo a autora, suas “raízes representam a fundamentação teórica estudada, o tronco simboliza a pesquisa, os galhos e as folhas são as atividades desenvolvidas e os frutos representam os registros reflexivos realizados pelos estagiários” (LIMA, 2009, p. 45).

Nessa linha de pensamento a autora explica que o referencial teórico no

processo de ensino-aprendizagem desde o estágio profissional, assim como as raízes de uma árvore, “sustenta e alimenta o projeto de articulação com a prática dos formadores e formandos” (LIMA, 2009, p. 45). A autora reforça essa ideia como elementos base do Estágio supervisionado. Lima (2009) segue em suas convicções que a pesquisa na condução dos estudos e na concretização das ideias tem sua função como a de um tronco de uma árvore, conectando o referencial teórico às “atividades, posturas metodológicas e ações pedagógicas ligadas ao ensinar e ao aprender” (LIMA, 2009, p. 45).

Seguindo com a Metáfora da Árvore de acordo com Lima (2009), as atividades desenvolvidas são extensões da pesquisa, do tronco, derivam de uma concepção de professor como intelectual em processo de formação e podem ser representadas em formas de:

Investigação sobre a identidade e a memória docente, as ações pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, a escola, sua organização e seu movimento, o livro didático e os parâmetros curriculares situados em contextos sociais, históricos e culturais (LIMA, 2009, p. 45).

Nesse contexto, as atividades em questão estão relacionadas à prática docente (PIMENTA, 1996) e o Estágio, campo de conhecimento que tem a pesquisa como eixo ou tronco (PIMENTA; LIMA, 2004).

Para completar a Metáfora da Árvore temos os frutos, que representam

Os registros reflexivos realizados pelos estagiários [...]. As atividades do Estágio, que deverão ser mobilizadas pelos alunos, constam do trabalho de campo. Essas são comparadas a flores, folhas, frutos e galhos da árvore (LIMA, 2009, p. 45-46).

## **A ANALOGIA DA ÁRVORE DOS TREMEMBÉ**

Tamanha é a ligação indígena com a terra e seus territórios que os anciãos Tremembé são chamados de “troncos velhos”, e seus jovens de “pequenos galhos”, fazendo uma analogia ao bosque, onde suas vidas são com as árvores com suas raízes fincadas na terra.

Conforme narrativas ouvidas em campo, observadas em etnografias de RCE, v. 8, 2023, ISSN 2526-4257, e24049

Valério (2019) na realização de rodas de conversa com o comando do Cacique João Venâncio (2019), expõem sobre a importância do fortalecimento dos saberes dos “troncos velhos”, chama a atenção dos jovens indígenas sobre esses saberes, trazendo como referência os “troncos velhos”: Seu Carioquinha e Dona Tereza, que estão presentes na roda. O conhecimento acumulado desses “troncos velhos”, segundo os indígenas, contribui para a melhoria de vida de seu povo. Daí a importância da valorização dos seus saberes e a busca pela utilização e transmissão dos mesmos pela educação (VALÉRIO, 2019).

Nessa perspectiva destacam-se o saber popular característico desses povos, o reconhecimento de suas identidades enquanto povos indígenas e não como comunidade, o conhecimento dos “troncos velhos” acumulado ao longo dos anos e o respeito e gratidão dos indígenas mais novos para com os mais velhos. Outro elemento que se evidencia é a educação contextualizada promovida pela Escola Indígena Jardins das Oliveiras, por meio da qual os saberes dos “troncos velhos” são evidenciados. Nesse sentido, aponta-se para a importância do registro desses saberes e para o reconhecimento de sua história, ressaltando as conquistas, as lutas e resistência de seu povo frente às adversidades impostas pelo sistema colonial (VALÉRIO, 2019).

O sentimento de gratidão aos “troncos velhos” é algo relevante a ser considerado quanto ao modo como os indígenas exercem o respeito aos mais velhos, conforme se percebe na fala do Cacique João Venâncio: “[...] se cada um de nós estamos hoje num canto, em uma canção, respondendo compromisso, atendendo compromisso, a gente deve muito a esses troncos velhos [...]” (VENÂNCIO, 2019, p. 82). Nesse contexto, os saberes da população indígena se mantêm vivos e perpassam de geração em geração, na medida em que esse respeito é reforçado entre os

membros de seu povo (VALÉRIO, 2019).

Os indígenas Tremembé destacam o sentimento de amor pela terra quando expressam que “a terra não tem um dono” (VALÉRIO, 2019, p. 83). Eles visualizam a terra como uma mãe, como um elemento sagrado da natureza. Em seus discursos os indígenas expressam, também, ferrenhas críticas aos inimigos da natureza, a exemplo dos exploradores dos recursos naturais e os posseiros que agem em atendimento aos interesses do capital. Tudo isso faz parte de uma aula, onde a escola é o chão da aldeia, da comunidade e as práticas pedagógicas são voltadas para a Endoculturação.

Diante de tais argumentos se entende que os indícios teórico-práticos apontam que o campo da educação popular/indígena se torna plural, complexo e intercultural, uma vez que tem procurado repensar a si mesmo a partir de novos horizontes, inclusive com ferramentas não indígenas, o que nos mostra sua capacidade de crescente diálogo com uma amplitude de sujeitos e formas de produção de conhecimentos e retroalimentação da educação, recriando práticas e trabalhando na construção partilhada de produção de conhecimentos, identificando não somente os problemas, mas também alternativas de mudanças.

Assim, o que observamos com o contato seria a conjunção de dois modos de transmissão cultural, ou seja, utilizam elementos da Endoculturação e ao mesmo tempo da Difusão, da mesma maneira que iriam absorver culturas passadas de geração em geração dos mais velhos aos mais jovens, também iriam absorver culturas de sociedades distintas à indígena, nesse caso, com a tentativa de fortalecer a comunidade. Como exemplo foram elaborados livros de produção indígena Tremembé, resultantes dos Trabalhos de Conclusão<sup>4</sup> de Curso dos professores Tremembé e que estão sendo trabalhados como material didático na Escola Indígena, pois esses elementos observados saíram da oralidade para a escrita, na produção científica, e estão no repositório e bibliotecas de universidades não

somente cearenses, mas de todo o Brasil e de outros países.

## **PROCESSOS INTERCULTURAIS DE CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.**

Sem a pretensão de desvaler da teoria da Metáfora da Árvore elaborada e apresentada por Lima (2009), acrescentaria a essa metáfora o papel das sementes pois neste contexto representariam o suprassumo do conhecimento que deve ser semeado, produzido, reproduzido e multiplicado, e, mais uma vez, se tornariam bases e referências para posteriores pesquisas, pois delas sairiam raízes mais fortes, consistentes e mais bem adaptadas ao meio.

Podemos perceber como a semente é plantada através da fala de Daniel Munduruku (2023) sobre seus avós:

Eles foram muito sábios e fizeram o que os avós têm que fazer: oferecer pertencimento, oferecer o que hoje chamamos aqui de esperança. Meu avô começou a trabalhar a minha cabeça, ele dizia sempre: importante não esquecer quem a gente é, de onde a gente veio, porque isso vai morar dentro de nós para sempre. E quando mora dentro, a gente nunca mais se perde (MUNDURUKU, 2023).

Em reforço a esse pensamento, memoramos pensadores como Morin (2003) que revisita Freire e traz à baila entre os sete conhecimentos ou saberes necessários ou essenciais para a Educação do Futuro o ato de trabalhar a “humanização da humanidade”, reforçando aqui que a pesquisa tem a função de desvelar e solucionar

<sup>4</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/simple-search?query=TREMEMB%C3%89>. Acesso em: 26 maio 2023.

problemas e demandas da humanidade, sem que essa venha a perder sua essência humana.

A Educação ou a Pesquisa em Educação foi a ferramenta ou meio encontrado para tentar superar esses problemas em busca do desenvolvimento do homem em suas esferas biopsíquico-sociopolítico-cultural.

Somamos nesta esteira do conhecimento ou do processo epistemológico o

pensamento de Nelson Mandela quando afirma que “a educação é a arma mais poderosa capaz de mudar o mundo” que em um suposto diálogo com Freire (2003), nosso patrono da Educação, retrucaria com uma de suas máximas: “mas é preciso diminuir a distância entre o se diz e o que se faz até que em um dado momento nossa fala seja nossa prática” (FREIRE, 2003, p. 61). Diálogo que casa com o que afirma Lima (2009) “a atividade docente é práxis” (PIMENTA, 1994 *apud* LIMA, 2009, p. 47).

A pesquisa em Educação em sua maioria é realizada no chão da escola, da universidade como campo de trabalho e, portanto, desenvolvendo a chamada etnografia, chegando a um diálogo entre as Ciências Sociais, as teorias pedagógicas, a Pesquisa em Educação enquanto Socializadora como prega Libâneo (1998) e Histórico-crítica como conceitua Saviani (1989).

Nessa linha crítica podemos trazer a discussão sobre o pensamento de uma Pedagogia Intercultural Crítica como proposta por Walsh (2009), levando em consideração que o espaço escolar enquanto espaço de produção do conhecimento, seja pelo ensino ou pela pesquisa, é heterogêneo em seus fatores não somente culturais, mas também sócio-político econômicos, capaz de gerar o respeito às outras formas de produção do conhecimento, entendendo que saberes ancestrais originários também são ciência. Essa ciência dos povos originários é a forma de pensamento unificado como era estruturado na antiguidade clássica grega. Através da Pedagogia em seu caráter intercultural é possível revisitar essas origens.

Seja por meio da Metáfora da árvore de Lima (2009) ou por meio da analogia da árvore dos Tremembé observada em Valério (2019), poderemos ressignificar o processo pedagógico em vistas à diversidade.

Para discorrer sobre o paradigma da diversidade com base em uma pedagogia também intercultural, seguem-se as teorias de Ivani Faria (2020) sobre o Currículo Pós-feito e sobre a Aprendizagem pela Pesquisa, que imbricam os processos de

ensino e pesquisa gerando o protagonismo dos discentes, onde o currículo seria montado depois da escola visitada e revisitada para entender os contextos, suas particularidades e demandas, além de gerar o conhecimento pelo aluno(a) enquanto pesquisador (a) de sua própria história, cultura e contexto próprio de aprendizagem.

Salientamos que, desde a perspectiva da diversidade com uma visão de inclusão cultural, a legislação em vigor com base na Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que altera com o Art. 26-A, a Lei de Diretrizes e Bases da Constituição Federal Lei 93.94/96 (BRASIL, 1996), torna obrigatória a inclusão no currículo escolar o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Uma discussão que não seria necessária caso esta lei fosse cumprida nessas últimas duas décadas percorridas desde sua criação.

Observamos também que os Artigos 205, 206, 210, 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) estabelecem a Educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, além de estabelecer que os povos originários devem trabalhar seus próprios processos de aprendizagem bem como ter a garantia dos seus direitos culturais.

Existem outras convenções e declarações das quais o Brasil é signatário que além de reforçar tudo mencionando anteriormente, determinam que a Educação desses povos é direito universal expressos na Convenção 169 da OIT (OIT, 2011), na Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) em seu Art. 26 quando expõe que é um direito universal a instrução e na Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ONU, 2008).

Portanto, vemos aqui que a analogia da árvore entre os Tremembé também é uma pedagogia possível, assim como a Metáfora da Árvore muito bem aplicada por Lima (2009). Desta maneira, as novas Epistemologias do Sul, como explica Sousa Santos (2012), é uma realidade possível somada a outras formas de fazer pesquisa,

ensino como processos de construção e produção do conhecimento. Foi assim que os Tremembé conseguiram manter viva suas culturas, mesmo utilizando elementos ou ideias de culturas de outros povos, como aborda o conceito de Sobreculturalidade de Valério (2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para elucidar o estudo em questão que se utiliza da Metáfora da Árvore da autora Maria Socorro Lucena Lima (2009), o qual relaciona as partes de uma árvore às práticas pedagógicas durante o processo de formação do professor/estagiário atuante na educação indígena ou não-indígena. Tem-se que, para ambas formas de educação, seja por Enculturação ou Endoculturação, tem por finalidade preparar o indivíduo que encontra-se na posição de aprendiz para a função de transmissor do conhecimento adquirido, considerando a etnicidade e os saberes tradicionais que visam atender as expectativas educacionais e culturais, propicia uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, além de promover nos ambientes educacionais e fora deles, condições para que o educando tenha autonomia, tornando-se protagonista no seu percurso acadêmico, seja ele escolar, universitário ou no sentido simbólico de bagagem de mundo.

Para tal, Nóvoa (1992) entre suas metáforas aborda a metáfora da biblioteca às práticas educativas, onde o espaço educacional contemple novos paradigmas. Isto significa que a educação indígena ou não indígena necessita ser um universo no qual o aluno seja incentivado a buscar conhecimento e o professor, na atribuição de orientador, conduzi-lo às inúmeras possibilidades de aprendizagem. Em conformidade com a metáfora de Nóvoa (1992), Morin e Le Moigne (2000) reiteram que se faz necessário uma metamorfose nas licenciaturas, ou seja, educar o educador contemplando a sua formação em uma nova esfera institucional que consolide a

profissão docente, conferindo-lhe embasamento para uma atuação de qualidade nas escolas indígenas ou não indígenas.

Mediante a análise dos trabalhos de conclusão do curso de formação de professores dos alunos Tremembé, Valério (2019) concluiu que o eixo das ideias textuais eram as adversidades e descontentamentos da coletividade, dentre eles a Educação e Educação Diferenciada, demonstrando a preocupação em normatizar um sistema educacional indígena em conformidade com a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que estabelece em seu Art. 78, a educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, garantindo “acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias” (BRASIL, 1996). Com o olhar direcionado à Educação Escolar Indígena, Valério (2019) contribui para este estudo trazendo para a discussão a analogia da árvore dos Tremembé que, com suas raízes fixadas na terra, os “troncos velhos”, como os detentores dos saberes, passam suas culturas e tradições de geração a geração aos seus “pequenos galhos”.

Em síntese, a formação do professor para lecionar na Educação Escolar Indígena vai além do que aprender a ofertar disciplinas universais e tecnológicas, visto que, requer considerar uma metodologia peculiar, contextualizada à realidade, respeitando identidades étnicas e particularidades, utilizando materiais pedagógicos específicos e um currículo diferenciado, intercultural e bilíngue, tendo a língua indígena como primeira língua, além de urucum, jenipapo, sementes e outros elementos da natureza como material didático e seus “troncos velhos” como professores do notório saber.

Para que um corpo docente interiorizado com o pertencimento étnico, consiga resgatar o que foi infligido com a chegada dos Jesuítas em 1549 e que sua passagem em sala de aula seja lembrada com satisfação e valorização, ressaltamos a célebre frase de Freire: “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou

profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (TV GLOBO, 1997).

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. ***Cómo Investigar: Metodología Cualitativa en la investigación científica***. Barcelona: PROFIT Editorial, 2017.

ALVES, R. O país dos dedos gordos (1). In: ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.

ASSIS, M. de. **Conto de Escola**. São Paulo: Editora Astronautas, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 27 maio 2023.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 27 maio 2023.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 27 maio 2023.

BRASIL. **Decreto n. 10.088, de 5 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 5 de novembro de 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2019/decreto/d10088.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/decreto/d10088.htm). Acesso em: 27 maio 2023.

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução: Maria Celeste Consolin Dezotti. Cosac Naify: São Paulo, 2013.

FARIA, I. Aprendizagem pela pesquisa e currículo pós-feito. In: FARIA, I. *et al* (Orgs.). **Descolonizando academia**: Cruzando rios da interculturalidade, percorrendo trilhas do saber para a autonomia. Curitiba: CRV, 2020. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/34931-descolonizando-a-academia-brcruzando-os-rios-da-interculturalidade-percorrendo-as-trilhas-do-saber-para-autonomia>. Acesso em: 27 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, M. S. L. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 45–48, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/44>. Acesso em: 27 maio 2023.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: ed. Hucitec, 2014.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MUNDURUKU, D. Entrevista com Daniel Munduruku: o poder do entorno na criação dos filhos. [Entrevista cedida a] Fernanda Tsuji. **Clube Quindim**, São Paulo, fev. 2023. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/daniel-munduruku-o-poder-do-entorno/>. Acesso em: 26 maio 2023.

NÓVOA, A. Formação de professores e formação docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Para António Nóvoa, o digital é um meio poderoso para reforçar a democracia na educação. [Entrevista cedida a] Fundação Telefônica Vivo. **Fundação Telefônica Vivo**, São Paulo, jan. 2023. Disponível em: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/para-antonio-novoa-o-digital-e-um-meio-poderoso-para-reforcar-a-democracia-na-educacao/>. Acesso em: 26 maio 2023.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. **Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais e resolução referente à ação da OIT**. Brasília: OIT, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72). Acesso em: 27 maio 2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 27 maio 2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Rio de Janeiro: ONU, 2008. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao\\_das\\_Nacoes\\_Unidas\\_sobre\\_os\\_Direitos\\_dos\\_Povos\\_Indigenas.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf). Acesso em: 27 maio 2023.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática?. São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia: ciência da educação?** São Paulo: Cortez,

1996. PIMENTA, S.G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004

PLATÃO. **A república**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

RUILLIER, J. **Por quatro esquinhas de nada**. Editorial Juventud, 2014.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

SAVIANI, D. **Sobre a concepção de Politecnia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1989.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. As Epistemologias do Sul de: por um resgate do sul global. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 4, n. 2, p. 39-54, jul./dez. 2012. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5645974/mod\\_resource/content/1/GOMES\\_epistemologias%20do%20sul%20.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5645974/mod_resource/content/1/GOMES_epistemologias%20do%20sul%20.pdf). Acesso em: 27 maio 2023.

TV GLOBO. **Paulo Freire: o revolucionário educador** (Programa 1 e 2). Mar. 1997. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1946>. Acesso em 26 maio 2023.

VALÉRIO, D. M. **A Contribuição Científica dos Tremembé através da Educação Diferenciada e Intercultural com base nos Saberes Tradicionais**. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Ciencias de la Educación, Universidad de Burgos, Burgos: 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10259/5452>. Acesso em: 27 maio 2023.

VALÉRIO, D. M. **La Sobreculturalidad: a la luz de lo observado en culturas indígenas**. Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León – IIACYL, 2021.

VENÂNCIO, J. Os saberes ancestrais/ troncos velhos tremembé. [Entrevista cedida a] Daniel Valério Martins. **Universidade de Burgos**, Burgos, set. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10259/5452>. Acesso em: 27 maio 2023.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re viver. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.